

OS PAGODEIROS E OUTROS ABUSOS: ANTROPOLOGIA SEM AÇÚCAR

Mauro Göpfert Cetrone

*“... [o] amor pelas pessoas como elas
são nasce do ódio ao homem correto”
Theodor Adorno*

Há algumas décadas, no Brasil, os negros desenvolveram e têm cultivado um hábito que é revelador de um gosto, no mínimo, extravagante e que sugere um ethos verdadeiramente singular: reunir-se em saletas mal ventiladas com a intenção premeditada de se lamuriar, resmungar, zangar-se, esconjurar o homem branco, fazer votos de redenção e fuxicar um pouco — e até, quem sabe, arrumar um namorado(a)... De modo geral, esses pagodes terminam bem, com a promessa tácita de todos voltarem a se reunir, ali mesmo ou alhures, numa data acordada.

Evidentemente, um tal exotismo não poderia passar despercebido dos antropólogos (estes perversos), que, rápido, reconheceram a necessidade de cunhar um neologismo para se referir àquele ritual lúdico-catártico tão fascinante: chamaram-no de “movimento negro”.

Em que pesem os esforços de cooptação realizados pelos adeptos dessas seitas e os seus ensaios de

formação de uma irmandade nacional, o fato de terem sido descobertos pela academia (e depois pela mídia eletrônica) foi a melhor sorte que poderia ocorrer a esses bizarros. Súbito, entidades, fundações, sindicatos, instituições, corporações (nacionais e estrangeiras) e órgãos públicos tomaram conhecimento de sua existência e viram-se constrangidos a reconhecer sua “legitimidade”. Desde então, aquelas reuniões melancólicas em salinhas sem janela têm dado vez, periodicamente, a grandes encontros estaduais ou nacionais (naturalmente, patrocinados pelo dinheiro do “inimigo”), não raro, em confortáveis auditórios com ar refrigerado e com direito à divulgação na grande imprensa e passagens aéreas para as lideranças — isto é, aqueles pretos mais sabidos que puderam, talvez, perambular por uma universidade, esbarrar nos corredores com brancos ilustrados, bisbilhotar suas conversas e aprender seus trejeitos e maneirismos.

Este novo cenário tem sido o palco para a performance de novos

atores da cena brasileira — “os negros de classe média”, de que aqueles militantes são apenas a expressão mais espalhafatosa. Ocorre que a novidade do espetáculo tem dado oportunidade a apreciações e comentários que, sob a aparência de penetrantes, só arranham a superfície. Resta-nos discordar, sem intenção polêmica; apenas com esperança de distinguir o aparente do justo e, se possível, colaborar com a higienização dos costumes.

Pessoalmente, considero pouco verossímil a opinião corrente, segundo a qual aqueles “ongueiros”, bolsistas vários, professores, sindicalistas, assessores, etc., etc... (enfim, todos estes simpáticos barnabés) sejam guiados unicamente pelo propósito mesquinho de conquistar, preservar e ampliar suas sinecuras. É claro que este motivo é importante (e legítimo, diga-se): um homem tem de ganhar a vida! Contudo, apenas se fôssemos uns ingênuos, isto é, se fôssemos marxistas e acreditássemos que os homens são movidos fundamentalmente por seus interesses econômi-

cos, só neste caso, aquela opinião frívola pareceria fazer sentido.

Mas, sabemos que as coisas se passam de outro modo; que a paixão que agita as criaturas humanas é a vaidade, mais que a cupidez. É por isso que o movimento negro brasileiro não se explica somente pelas parcas vantagens materiais (quase simbólicas...) que tem sido capaz de oferecer a seus expoentes (os proprietários das “entidades” e amigos).

É preciso reconhecer nele a tradução legítima da vaidade dos “negros de classe média” — esta última expressão, utilizo-a apenas por comodidade lingüística; ela não é adequada e induz a erro. Com efeito, só o hábito brasileiro de resolver no plano da linguagem aquelas mazelas e contradições sociais que não encontram solução real explica que se denominem negros de classe média aqueles bisnetos de escravos que tão-somente escaparam da indigência. Embora seja preciso reconhecer que estes pretos que abandonaram o estado famélico têm realizado um corajoso e comovente esforço para serem reconhecidos, de direito, na categoria de cidadãos-consumidores. Até onde permitem os malabarismos com seus orçamentos domésticos, estes negros (militantes à frente) têm se empenhado heroicamente para mimetizar os hábitos de consumo e lazer dos brancos quase-letrados dos estratos médios (dos leitores da “Ilustrada”, eu teria dito, se pretendesse ser exato à custa de ser entendido apenas por paulistas). De fato, alguns destes pretos até já foram vistos xeretan-

do em livrarias e todos têm em casa sua coleção de CDs de liquidação; excursionam pelo país inteiro de ônibus e sempre carregam consigo uma agenda cheia de nomes de gente importante — infelizmente, gente importante que não tem lhes dado muita importância. Nem é preciso dizer que estes aristocratas negros (e particularmente seus

Pode-se dizer que o movimento negro brasileiro transcende seus militantes — diz respeito a todos os negros remediados — e seu futuro não depende das veleidades dos seus dirigentes.

componentes femininos) compreendem perfeitamente as restrições que sua condição superior lhes impõe; e em vão pretenderíamos acusá-los de promiscuidade com os negros da ralé. Quanto aos negros verdadeiramente estabelecidos, só há uma profissão em que procurá-los: os engolidores de sapo. Mas, em tempos de correção política, o pai-João aderiu ao radicalismo consentido e à contestação ruidosa da ordem como meio eficaz de integrar-se nela; e quase trocamos o seu nome!

Assim, a má-consciência dos brancos pode descansar em paz; esta elite marrom é testemunha de que vivemos uma verdadeira democracia racial: aqui o sol nasce para todos.

O que querem, afinal, estes pretos que já não passam fome? Ao que parece, querem tornar-se homens. E não estão dispostos a tolerar rodeios sobre o significado deste termo: trata-se, simplesmente, de arrumar um emprego (ou, melhor do que isto, pensaria secretamente o militante, uma função) que remunere bem; o suficiente para comprar uma casa bonita, um carro bonito e uma mulatinha bonita. Mas, não por cupidez, insisto, por vaidade. A vaidade de tornar-se homem.

Assim, pode-se dizer que o movimento negro brasileiro transcende seus militantes — diz respeito a todos os negros remediados — e seu futuro não depende das veleidades dos seus dirigentes. O que não nos autoriza a supor que tem algo a ver com a política. Qualquer um que já teve notícia do que foi a luta dos negros norte-americanos pelos direitos civis e da natureza das tarefas que ela impôs aos líderes e militantes afro-americanos compreende, sem esforço, a razão por que o movimento negro brasileiro não tem nada a ver com a política e seria aconselhável encontrar outro ramo de negócios em que seus militantes tivessem acumulado maior experiência: a indústria do turismo popular, talvez. De qualquer modo, quanto aos *scholars* mirins do movimento, só nos cabe elogiá-los por serem capazes de

conter seus impulsos revolucionários e nunca se meterem em arruaças ou inseqüentes atentados à ordem pública. Também é preciso não desdenhar do modo como se agarram a seus *papers* e apostilas como um naufrago segura sua bóia. Estes eruditos têm muitas orelhas de livros para ler e só devem deixar a universidade com o nome de doutor. Sua missão: forjar a cosmovisão africana e fundar os pilares da insurreição negra.

Mas, não seria também o caso de perguntar se o humor tropical do negro brasileiro, sua bonomia, seu espírito festivo e temperamento efeminado não o incompatibilizam com as tarefas históricas que a reversão do seu status subalterno exigiriam? Não se aborream lideranças (?) negras, universitários *habitués* de seminários sobre a “questão étnica” e moças e rapazes de tranças, em geral: não ignoro a história dos quilombos, a Revolta dos Malês, etc., etc... Apenas constato que os afro-brasileiros já compreenderam que o importante é “viver a vida” e que fazer a história é uma idiossincrasia dos povos europeus, dos neurastênicos e dos sexualmente reprimidos. No Brasil, a “elevação da raça” continua dependendo dos esforços solitários dos negros arrivistas, e de sua saudável intuição de que a realização de seus anseios requer algum tipo de “ação entre amigos”; aliás não é esta intuição que explica a origem e as feições do movimento negro brasileiro?

Mas, pelo que dissemos até aqui, talvez nos acusem de sermos parciais em nossa avaliação dos militantes negros brasileiros; de não

considerarmos suas qualidades humanas. Ainda é tempo de reparar a situação. Porque, na verdade, estas pessoas são bem-intencionadas e muito divertidas — e só o fato de transformarem ressentimentos e frustrações em combustível para atividades socialmente relevantes e pessoalmente lucrativas já os torna especiais: quantos de nós somos capazes disto? Apenas, não seria prudente tomá-los a sério demais.

Ou considere-se, por exemplo, seu discurso anti-miscigenação e suas queixas habituais sobre os mestiços. Ora, aceito que os mulattos não são criaturas confiáveis. Ou antes, que há poucas tarefas que se lhes pode confiar. Um exemplo: colocá-los em pé diante da porta (qualquer porta) para que controlem a entrada de negros. O entusiasmo juvenil com que executam este serviço pode enternecer uma alma mais sensível. Também são bons para fazer o troco, nos ônibus, e pilotar os elevadores. Infelizmente, não parece haver muito mais que saibam fazer.

Então os militantes negros estão certos neste ponto. Apenas, seus comentários rabugentos sobre os casais mistos — “os negros bem-sucedidos se casam com brancas, blablá...” — deixam entrever menos reprovação do que inveja; e destoam da sua opção preferencial pelas mulatinhas caucasóides.

Mas, são pessoas simpáticas e esforçadas e é preciso colaborar com seus esforços.

Pessoalmente, sinto-me no momento pouco inclinado a tomar parte em suas iniciativas. Mas tenho dedicado alguma atenção ao

problema racial brasileiro e não me negarei a propor uma solução. Ei-la: considerando que cinco séculos não foram suficientes para que o elemento africano se aclimatasse em terras do Brasil, apresentando o afro-brasileiro toda sorte de atitudes destoantes, condutas bizarras e um comportamento verdadeiramente patológico, não conviria patrocinar o regresso dessa população à mãe-África?

O custo de uma tal empresa seria menor do que poderíamos supor, tendo em vista que o número de pretos entre nós não deve ultrapassar algumas centenas de milhares, conforme afiança o IBGE. Em todo caso, as vantagens eugênicas e outras proporcionadas pela medida compensariam quaisquer esforços para levá-la a efeito: os brancos (e também os “acastanhados”, os “amarelos-escuros”, e os “morenos-puxados-para-branco”) estariam, finalmente, desembarçados para construir uma civilização completamente européia.

Quanto a mim, negro, ativista bissexto e curioso dos costumes das gentes, permanecendo aqui ou em safári pela África, quereria apenas ter algum tempo para dedicar a três questões que me atormentam:

1) Por que tão poucos querem caminhar pelo caminho que vai dar no Reino da Verdade?

2) Por que só nos restou a indiscrição como forma possível da generosidade?

3) A que se deve atribuir a natureza bovina do negro brasileiro?

Mauro Göpfert Cetrone é graduando em Filosofia e membro do Núcleo de Consciência Negra na USP.